

PMS	FMLE	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornais da Bahia		
06/02/93		
Aqui Salvador 4		
Assunto:		
Habituação		

Famílias sobrevivem no Viaduto da Fonte Nova

Morando em buracos, pessoas descartam as regras básicas de higiene

Oscar Paris

Não fossem personagens vivos de uma tragédia social que cresce a cada dia, as famílias que transformaram os buracos do Viaduto da Fonte Nova em residência, certamente ganhariam alma nos roteiros de seriados ou novelas. Difícil é acreditar que a história dessas pessoas nada tem a ver com a ficção. A rotina dentro do viaduto é uma imposição e o ruído permanente de motores, das freadas e das buzinas frenéticas ecoa nos ouvidos daqueles que habitam a escuridão.

Três dos quatro buracos que cercam as laterais do viaduto foram invadidos por pessoas humildes, que encontraram abrigo e até algum conforto, nos quatro metros de cada "kitnet". Para quem estava disputando bancos de praças e a proteção das marquises, tornou-se uma boa opção morar no centro da cidade, sem ter que pagar aluguel, água, luz ou condomínio. Tanto é assim, que nenhum deles admite a hipótese de deixar a improvisada morada,

a menos, é claro, que a mudança seja para uma casa de verdade, com janelas, água encanada, luz e esgotamento sanitário.

Ana Cláudia de Macedo Sena, 25 anos, dividiu o seu 'buraco' em quarto e sala, o suficiente para acomodar o marido, Edmilson de Jesus Sena, 46 anos, e o filho Odemilson, de apenas 2 anos. O banho pode ser tomado no chuveiro da barraca localizada ao lado do viaduto e, quanto às necessidades fisiológicas, cada um se vira como pode.

Para 98, a expectativa se resume à chegada do segundo rebenito. "Estou grávida de quatro meses e garanto que aqui não me falta nada. Meu marido ganha entre R\$20 e R\$30 por dia", confessa Ana Cláudia, referindo-se à lavagem de automóveis que garante o orçamento familiar. Em tempo: lavar carros é a ocupação de quase todos os homens, adultos ou não, que moram no viaduto. Ao redor desse nada cômico "Largo do Arouche" é possível comprovar que normas de higiene, para o bem da saúde, não foram esquecidas. Ana Cláudia transformou

o outdoor da Multifeira 97 em varal, onde estende, sem titubear, roupas íntimas, lençóis, toalhas, calças e camisas.

"O casal que mora no buraco em frente deu uma saída. Eles não têm filhos, mas também não pretendem sair daqui", dispara Cláudia, enquanto Odemilson, nu no seu colo, brinda a liberdade molhando o vestido da mãe com urina quente. "Passei o Natal e o Ano-novo com a minha mãe, que mora na Estrada da Rainha. Meu marido ficou aqui e ganhou cestarias básicas e roupas de umas baronatas", contou Ana Cláudia referindo-se às mulheres que, sensibilizadas, distribuíram presentes nas festas de fim de ano. "Tenho fogão, botijão de gás, camas, mesas e cadeiras. Só não temos refrigerador e também não ia adiantar porque não temos de onde puxar a luz", consola-se a esposa e mãe, que cuida da saúde do filho em visitas periódicas ao 3º Centro de Saúde, no bairro da Liberdade. Na hora de informar seu endereço ela não hesita: "Viaduto da Fonte Nova, primeiro buraco à direita, Nazaré".

Perigos constantes na área

O perigo de morar no interior de um viaduto é constante, pois existe o risco de colisões e até mesmo a possibilidade de uma chuva torrencial inundar o que os invasores adotaram como doce lar. Além disso, o próprio viaduto da Fonte Nova já foi palco de acidentes inusitados, a exemplo do veículo que foi engolido no início dos anos 90 por uma verdadeira cratera no asfalto.

"A qualquer momento pode acontecer alguma coisa. Dormimos com um olho fechado e outro aberto, porque sentimos o viaduto tremer quando os carros passam por cima de nossas cabeças", relata dona Maura Costa Souza Francisco de Almeida Pitangueiras, 65 anos, que, apesar do nome pomposo, mora no Viaduto da Fonte Nova há pelos menos três anos, na companhia dos quatro filhos.

Sidnei, Pedro, Paulo e Marli, todos maiores de idade, trocaram o Rio de Janeiro pela capital baiana por insistência de dona Maura, filha da boa terra. "Quando

meu marido me abandonou, vim direto para Salvador. Aqui perambulei com meus filhos durante anos, até que trocamos a rua pelo viaduto", confessa dona Maura. Soberba, ela dispensa o auxílio de órgãos públicos. "Não quero que me tirem daqui para me botar em asilo ou centros de recuperação. Quando vivia na rua, comia aquilo que catava do lixo. Hoje vivemos bem com o dinheirinho que meus filhos ganham lavando os carros", relata dona Maura.

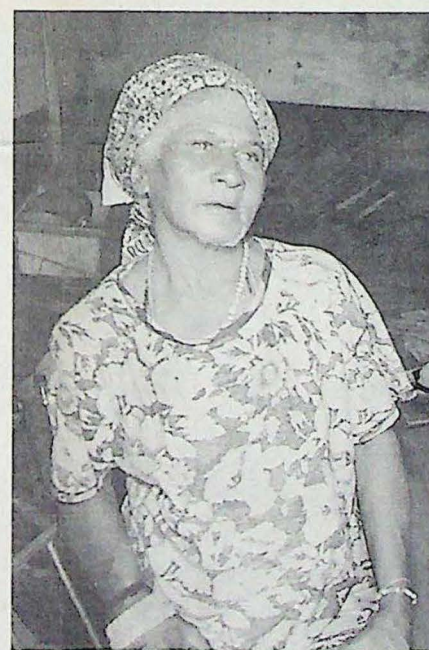
No interior do "apartamento" existem colchões, beliches, fogão e até luz elétrica. "A gente deu uma puxadinha num gato, mas sem incomodar ninguém", desconfia a matriarca da família, ao mesmo tempo que avisa: "Moço não vai fazer nada para me tirar daqui. Eu estudei até a 4ª série primária e sei muito bem o que é bom para minha família", alerta ela. Preocupação mesmo, somente com o filho Pedro, 28 anos, que sofre de tuberculose e convive com mais quatro pessoas num local nada arejado. Magro,

com olheiras profundas, dificuldades de locomoção e fazendo um tremendo esforço para respirar, Pedro não participa da conversa e, passivo, assiste a tudo com seu olhar perdido. Os outros três filhos estavam na rua em busca do ganha-pão.

Nos seus devaneios, dona Maura garante que foi casada duas vezes e que gerou 12 filhos. "Os outros morreram", afirma ela, ao mesmo tempo que desafia a quem tentar removê-la de "sua casa". "Não saio daqui por nada. Não tem conversa com ninguém. Só troco esta casa por uma melhor, como eu sempre tive. Tirei meus filhos da Funabem para ficar perto deles e ninguém vai nos separar", garante ela. Como passa tempo, os moradores do *Condomínio Viaduto da Fonte Nova* curtem o movimento nos dias de jogos no vizinho Estádio Otávio Mangabeira ou ainda os babas que acontecem no terreno ao lado, uma espécie de área de lazer deste surpreendente conjunto habitacional.



Ana Cláudia, com o filho Odemilson, 2 anos, usa a estrutura do outdoor como varal de roupas



Maura, 65 anos, mora no Viaduto da Fonte Nova há três anos, em companhia de quatro filhos, entre eles Pedro, 28, que sofre de tuberculose e vive em condições insalubres

